REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:013

20 DE FEVEREIRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. A. A PRINCESA MATHILDE MARIA DE SAXE, DESEMBARCANDO DO «CAP-BLANCO»

Chronica Occidental

O entrudo já lá vae e a não ser em alguns corações de donzella, que ainda talvez sonha com o que lhe disse algum dominó, muito em segredo entre duas marcas de contradança, nem uma vagasinha poeira por Lisboa deixou. De mais a mais a limpeza d'esta vez foi de merecer os mais enthusiasticos cumprimentos. Na manhã de quarta feira de cinzas nem as ruas d'uma cidade hollandeza se mostraram nunca mais limpinhas do que a calçada de Lisboa.

Foi-se o carnaval dos papelinhos, mas não se foi o entrudo das mascaras. Não faremos áquelle o necrologio; mas não deixou este, apesar d'uns compassos de espera, de ser recebido com todo o mimo que bem merecêra.

Não largam os homens as mascaras, porque lhes lembra a Egreja que são pó e que em pó se hão de tornar. Desafivela-se uma e logo se põe outra, e, como isto de pó, pode ser de lixo ou de oiro, vão-se elles á cata do vil metal mascarados das melhores tenções.

O que nos centros politicos, e fóra d'elles, se questiona agora com maior vigor, é o caso escandaloso da batota que se queria estabelecer na Ilha da Madeira, e que a maior das batotas deu á luz em Monaco, a patria da roleta e do trinta e quarenta.

Vejam quantas mascaras se usaram para pôr a bom caminho a patuscada toda, por fóra muito luzidia, mas por dentro talvez muito mais suja que a d'uma cégada á meia noite depois das libações repetidas em cada taberna de viela escusa. Lá vimos até a caraça da philantropia d'olho em alvo, lagrimasinha ao canto e bôca cahida n'uma piedade commovedora.

Metteu-se no assumpto a politica e padeceram os governos bem maus bocados. No assumpto se metteu a diplomacia e é de esperar que não deixe de ter seu pejo por haver a intrujões estendido a luva branca. Teem sido varios os pareceres na camara dos deputados, onde, mais uma vez, se revelou o patriotismo dos differentes partidos. Um certo numero de frases mais azedas trocadas entre o sr. ministro do reino e deputado republicano, sr. Affonso Costa, nada influe no accordo em que todos se encontram de levar esta questão com dignidade até final.

Os exploradores d'esta pobre terra já não se contentam com se mostrarem galfarros em Africa; convinha-lhes já a Ilha da Madeira que tem por cognome a Perola do Oceano. Não era mal pensado. Alguem dizia uma vez que a Africa era uma riquissima mina, aqui... no Terreiro do Paço. Esteve por um triz a Madeira a ser posta na lista das coisas no Terreiro do Paço exploraveis.

É claro que, a esta proposito, outra vez se tem falado muito na concessão do jogo e no equilibrio das finanças explorando o vicio. O sr. Fernando de Lacerda, que muitas communicações de homens illustres tem publicado, n'este novo accesso de febre com que o espiritismo volta a correr o mundo, talvez nos podesse prestar um formidavel serviço. Deixando em paz, por uns tempos, os espiritos dos nossos grandes escriptores, Camillo, Eça, Herculano e outros, porque não ha de evocar, para que nos digam o que pensam da roleta, alguns dos muitos suicidas de Monaco e até o espirito de um pobre rapaz, cujo cadaver foi encontrado ha annos debaixo de um comboio, que vinha do Estoril para Lisboa?

Ha hoje esta mania. Em sendo lindo um sitio, com vista de mar e arvoredos, clima excellente, pespegar-lhe uma roleta e consolar os

S. A. A PRINCESA MATHILDE MARIA DE SAXE EM PASSEIO NA ALAMEDA DE S. PEDRO DE ALCANTARA, ACOMPANHADA POR S. M. A RAINHA D. MARIA PIA E POR S. A. O INFANTE D. AFFONSO
(Vidè Chronica Occidental)
Clichés Bonoliel

parentes dos tisicos com meia duzia de carambolins. Parece que a paisagem requer para complemento do panorama alguns enforcados a balouçarem-se sobre os celebrados abismos.

Até a propria natureza já por lá protesta. O frio de rachar com que este inverno nos tem mimoseado, não se esqueceu da Ilha e tambem por lá deu a sua entrada. Andou-se no Funchal como se anda em Lisboa e no Spitzberg, de gola levantada e de nariz escondido. Já a cidade não quer tuberculosos se estes hão de abreviar a vida com lesões de coração á batota.

Querem alguns sabios explicar o rigoroso frio que por aqui nos corta as orelhas dizendo que mudou de rumo o *gulf-steam*, corrente maritima em meio do oceano, verdadeiro esquentador, que ao sol dos tropicos ia buscar o calor que depois vinha distribuindo por todas essas costas maritimas. Se assim foi, não será de admirar que venha um dia a neve a ser familiar aos lisboetas.

Mas não nos queixemos de mais. Os choviscos que molharam as mascaras durante o carnaval e que obrigaram no Porto ao addiamento do famoso cortejo, deram já certa esperança aos lavradores, e, se logo torñou o bom tempo, confesse-se ao menos que o céo tem sido de inexcedivel formosura e que a temperatura mais alta do que foi ha dias, nos dá a illusão de plena primavera

Está o Algarve novamente em festas, e muito mais bello tem sido o espectaculo da esquadra ingleza manobrando, porque, afóra no primeiro dia, o sol tem illuminado intensamente o quadro phantastico da imponentissima bahia de Lagos, um dos pontos mais formosos das costas de Portugal.

Quantos não hão de pensar que tambem ali faz falta uma roleta!

O ponto de vista é soberbo sobre a bahia, prinpalmente vista do alto da Rocha de Portimão, em pleno desenvolvimento o que breve seria maravilha, se o bom gosto dos constructores se arriscasse á tradição portugueza e até á propria tradição algarvia tão fecunda em desenhos encantadores.

Teem-se as festas succedido, manobras, regatas, visitas a terra, jantares. Os preços em Lagos estão pela hora da morte; mas os inglezes são ricos e talvez isto não tenha traducção em inglez. Quando El-rei, sr. D. Carlos foi a bordo do *Exmouth*, a salva com que lhe saudaram a visita foi de mil e tresentos tiros.

Com El-rei sr. D. Carlos teem estado em Lagos a Rainha Sr.ª D. Amelia e o Principe Real, Sr. D. Luiz. Tem estado em Lagos tambem o sr. ministro da marinha.

Por motivo de ausencia do rei de Portugal, tem sido a Rainha Sr.ª D. Maria Pia quem tem feito as honras de Lisboa á princeza Mathilde Maria de Saxe, filha do rei Jorge de Saxe e da Infanta Sr.ª D. Maria Anna de Portugal.

A princeza tem percorrido Lisboa e diz-se que muito lhe tem agradado a nossa cidade, patria de sua mãe. Lisboa nova e Lisboa velha teem-lhe merecido a maior attenção.

São esperados brevemente em Lisboa o rei de Saxe e o principe de Hohenzollern, ambos, com a princeza Mathilde, netos da Sr.ª D. Maria II.

E os boatos, a que nos referimos na passada chronica, correm cada vez mais insistentes.

Já o governo pediu á camara o credito de trinta e alguns contos para os festejos projectados.

Estará talvez por essa occasião em scena no Theatro de S. Carlos a opera de João Arroyo. Seria bello agora tel-a n'uma recita de gala, caso unico decerto n'estes ultimos tres quartos de seculo.

É a opera de João Arroyo que no theatro mais agora desperta curiosidade. Pouco mais se annucia que chame a attenção.

Mais alguma cousa poderiamos dizer dos theatros portuguezes, que nem menos de trez peças nos offereceram já depois do entrudo, se a uma noticia muito triste não tivessemos de dedicar as linhas que nos faltam para completar esta chronica. Com muito exito se representou no theatro D. Amelia a traducção da *Véronique*, um novo triumpho alcançou o nosso grande dramaturgo Marcellino de Mesquita com a sua tão questionada peça *Noite de Calvario;* muitos applausos conquistou em D. Maria o *Amor á antiga* de Augusto de Castro, dos novos o que mais promette e que viu vingada a injustiça com que na epoca passada o receberam.

E agora dediquemos estas ultimas linhas á intima saudade em que nos deixou um querido amigo, que tão conhecido foi em theatros e sempre por quantos o conheceram tão estimado. Tristes foram os ultimos dias de Salvador Marques, até que uma lesão do coração o levou para sempre. Ha poucos dias lhe morrera uma filha, um filho ha poucos mezes. Em amargurada tristeza padeceu essas ultimas dôres! Elle que fôra sempre tão alegre, tão conversador, que tanto talento revelara em algumas das suas obras, como, por exemplo nos *Campinos!* Emprezario muita vez, tendo passado no theatro a maior parte da sua vida, em todos contava amigos, porque para todos estava sempre aberto seu coração. Foi um trabalhador. Deus lhe dê agora o descanço.

João da Camara.

REAL TEATRO DE S. CARLOS

GUSTAVO CHARPENTIER

AUTOR DA NOVA OPERA «LOUISE»

No dia 7 do corrente teve logar no Real Teatro de S. Carlos a primeira audição do sublime romance musical de Gustavo Charpentier *Louise.*

Logo no 1.º acto, na scena da varanda, entre o tenor e o soprano, percebemos que nos achavamos em presença duma das melhores composições modernas que a França tem produsido nestes ultimos dez annos, opinião esta que mais ainda confirmámos depois de termos escutado todo aquelle acto primoroso.

Gustavo Charpentier

A scena que se desenrola no 1.º quadro do 2.º acto, dá-nos uma perfeita ideia da grande cidade de Paris que começa dispertando, que sahe das trevas para entrar na sua vida quotidiana, sempre animada e alegre; agora são os trapeiros que passam, depois os vendilhões, a seguir as costureiras que vão para o seu atelier recomeçar a tarefa abandonada na vespera, seguidas d'aquelles que as requestam.

Entre as costureiras apparece-nos tambem Luiza seguida de Julião, e num duetto de amor sublime, encantador, combinam o seu viver futuro — Mas como todos estes detalhes são desenhados na orchestra, deixando perceber o motivo que caracterisa cada personagem! — E o quadro do atelier das costureiras, todo o acto, em que admiramos o panorama de Paris á noite, aquelle em que o pae de Luiza, moribundo, pede a esta que o não abandone nos ultimos momentos, preferindo ella a vida bohemia, á vida pacata do seu lar? E' que na *Louise* todas as paginas são bellas.—Encontramos na sua orchestração verdadeiros mimos que poucos compositores modernos saberão hoje imitar.

Infelizmente não podemos dizer que o acolhimento com que o nosso publico contemplou aquelle bello trabalho, fosse dos mais enthusiastas.

O compositor sentiu deveras a sua obra, quando a compôz, que a sua alma o impellio forçosamente a escrever aquelle romance, porque elle tambem escreveu o poema, em prosa, mas uma prosa tão cheia de poesia, tão cheia de vida, que não podemos deixar de concordar que poema e musica é uma substancia una.

Foi esta uma das operas *d'oblige* que a empresa Paccini este anno deu aos seus assignantes, mostrando assim o desejo de tornar conhecidas as principaes producções musicaes modernas de que hoje Charpentier, a quem o Occidente presta homenagem, é um dos mais notaveis vultos.

A EDUCAÇÃO PELO THEATRO

I

No meio d'uma sociedade toda constituida de apparencias balôfas e hypocritas — como infelizmente é a nossa — não se isenta da emanação mephitica de tal meio a Arte—Arte que divinisa a Vida, tomada, é claro, esta palavra, em sua verdadeira acepção.

Percorrendo de animo serêno e razão fria, toda a escala da actividade em que a nação portugueza pretende accentuar a sua marcha progressiva, frisantissimos exemplos se nos deparam da verdade acima exposta.

Tudo mentira!

Mentira, desde a constituição pela qual se rege o paiz, até á ultima das ramificações em que se movimenta o pensamento e a vontade nacional.

Tudo illusão!

Triste illusão que ninguem deixa de acatar, que ninguem deixa de reconhecer e que dia a dia se vae tornando tristemente inefficaz.

Original e extravagante paiz — o nosso!

Mascaramo-nos diariamente, com a ideia de uma exibição deslumbrante aos olhos dos que passam e nos podem vir a julgar; mas não notamos que a mascara é de vidro, e que atravez d'ella o mundo contempla a ridicula contracção physionomica d'uma sórna velhacaria...

E para que nos mascaramos?

Olhae: E' um ministro ou par, que, com a convicção plena de faltar á verdade, affivela ao rôsto a mascara de apostolo da instrucção popular e, affirma em pomposo relatorio que o nivel intellectual do paiz, sóbe, mercê do seu *patriotismo* e da diffusão do ensino.

Agora investigae e vêde que o desgraçado professor de instrucção primaria para não morrer á mingua, esmola uma fatia de pão...

Agora analysae a estatistica e vêde, que a enexoravel sciencia dos numeros, manifesta claramente, trez milhões de analphabetos, n'uma população que não sóbe a cinco...

Alli, no alevantado intuito de caridosamente velar pela sorte das creancinhas sem pão e sem abrigo, a sociedade portugueza vê, com os olhos fitos na cruz do Redemptor, os braços cruzados n'uma postura ascetica, a forma como o ultramontanismo, ergue a cerviz altiva e empolga em sua garra adunca, essas tristes pobresinhas, cretenisadas pelo fanatismo. E, se uma vez ou outra acontece—que o exemplo é de hontem—fechar-se estrepitosamente a cova sobre uma d'essas creanças, martyrisadas pela fome e pelo cilicio — a sociedade, então, *finge* despertar do seu extasis beatifico, procurando indignar-se!

Ah! que nociva e desgraçada influencia d'um passado de trezentos annos de jesuitismo, pésa sobre nós!

Mas se n'este apodrecido palco, sobre o qual nos damos quotidianamente a satisfação do mutuo engano, existisse ainda uma entidade que deixasse de sentir junta á fronte immaculada a asfixiante mascara da impostura e soubesse de fronte nua e bem erguida, corajosamente, encarar o bando truanêsco, e, mercê do genio, o fôsse modificando, aquietando... ah! que de videntes esperanças resurgiriam para o nosso Portugal!...

E que entidade seria essa? — pergunta o nosso leitor—.

Qual? A do artista.

Civis romanum sum — dizia com orgulho o patricio e o plebeu da Roma dos Cesares.

E orgulho podia e devia tel-o, guerreiro ou senadôr, consul ou atheleta, d'aquelle imperio collossal, que sugeitou o mundo com o poder das suas leis e a força das suas lanças.

Mas n'essa Roma tão conscia da sua força e do seu Direito — mas n'essa Roma — patria da lei — que de classes injustamente vilipendiadas, opprimidas, quando não cobertas de opprobio e de ignominia!

Uma d'ellas era a do Actor!

Que importava que elle houvesse velado o rosto pela mascara, convulsionado as almas de milhares de seus concidadãos, na ancia tragica de mil paixões, que importava que tivesse seu talento poder tão extraordinario, se disvellada a mascara, era simplesmente... o *comediante*, o

habitante de Rôma, termo medio entre cidadão e escravo, a quem a lei não concedia o sagrado direito do suffragio!

E' bem certo que o progresso é uma lei da humanidade.

Comparêmos:

Que homem é aquelle sobre quem se fixam olhos admirados e curiosos?

Que homem é aquelle a quem se enviam cumprimentos, se abraça affectuosamente, se enderessa, por mil formas, n'um enthusiastico preito de estima, o justo apreço do seu merito?

E' um actor.

Hontem era vel-o punjante de inspiração, á luz da ribalta, perante uma platea recolhida n'um silencio religioso, attrair as almas e á imagem da sua, vibrar n'ellas o multiplo sentir, que vae do riso ao chôro, da supplica á blasphemia, da prece á maldição...

Hoje é vêl-o desempenhar o sagrado direito de elegêr quem represente no sanctuario das leis, as suas opiniões politicas; é vel-o transpôr os salões aristocraticos, onde a alabastrina estatueta parece suspirar sempre pelas delicadas mãos que lhe deram vida; é vêl-o interessar-se na Bôlsa pelas mais complicadas operações financeiras; é vêl-o *touriste* infatigavel, durante ferias, procurar solida instrucção pelas viagens, visitando museus, bibliothecas, exposições, tudo, emfim, onde haja sciencia e Arte; é vêl-o no circulo dos homens de lettras, sempre apreciado, sempre bemvindo, prestando e recebendo conselho, em toda a parte, finalmente onde a Vida — esse outro grande theatro, em seus variados cambiantes, ou scenas, requeira sua presença.

Tal o actôr, modernamente.

E' mais ainda. Quando seu meriro attinge, no consenso unanime, o mais subido grau, que de triumphos, o aguardam na passagem por qualquer côrte e ahi, que de enthusiasmos elle desperta em todas as classes sociaes, onde chegue um echo do seu nome. Não é caso unico, mas pelo contrario frequente, entre o numero de admiradores altamente collocados que estreitam a sua mão, contar-se em primeiro logar o chefe de um estado e o herdeiro de uma corôa.

No scintillante mundo artistico são astros de primeira grandeza. Reflectem luz e dão luz.

Sem o actôr, pallido é o brilho do trabalho do dramaturgo.

D'elle, em parte importante, depende erguer ao sublime ou despenhar no abysmo, a ideia gerada no cerebro do poeta. E' por isso que o grande Hugo nos prefacios das suas obras dramaticas e como elle os Dumas, Lordou, (e tantos outros) claramente insinuam que parte da gloria d'esses poêmas, lhes não pertence.

Pois bem. Porque motivo não teem até hoje procurado os governos desenvolver por todos os meios o gosto pela arte de representar, de modo que seja grande a affluencia de matriculas nas aulas de declamação?

Porque rasão se apresenta tão pobre de actores o theatro portuguez, quando é certo que razões de ordem superior manifestam claramente que a vocação dramatica é innata dos povos da peninsula? Todavia é este um facto: não temos actores, logo que se manifeste um grande movimento litterario de producções d'esse genero. Quem preza a arte dramatica e se enthusiasma pelos seus progressos, não pode deixar alguma vez de se aterrar com o negro futuro que lhe está imminente, se um dia, por qualquer circumstancia, os primeiros artistas do theatro de D. Maria II abandonarem a scêna. Quem os substituirá, de modo que a Arte não lhes sinta immediatamente a falta?

Ora francamente isto não pode continuar assim. A scena portugueza, por principio algum, deve estar dependente das contingencias que podem sobrevir na vida artistica dos que ainda a ella hoje, com disvello, se dedicam.

O governo deve olhar attentamente por este assumpto.

E' frequente, quando n'aquelle theatro se procede á distribuição de papeis, havêr falta de interpretes, principalmente em papeis secundarios; e mesmo quando alguma peça reclama um maior numero de primeiras partes, dois caminhos a seguir fatalmente se impõem: — ou a peça é posta de lado, ou então sacrificada, por serem entregues a actores de segunda ordem os papeis de que só podiam tomar conta os de primeira.

Ora sendo manifesta a decadencia do theatro, já em producções dramaticas, já em actores, é certo, que não pode, nem deve continuar um tal estado de cousas, porque vae n'isto, até, a honra da nação. E' triste, alem de sêr falso, o dizer-se, que nos escasseiam recursos para dramaturgos; é vergonhoso converter o theatro, que devêra ser normal, em succursal de theatro francez.

Claro está, que fallando assim, se nos referimos com especialidade ao primeiro theatro de declamação, não collocâmos fora do assumpto as outras casas de espectaculos, onde actualmente se representam dramas e comedias.

Tem, nem podia deixar de ter proeminencia o theatro de D. Maria II, por sêr aquelle que, pelas suas naturaes condições, está destinado a ser um dia o theatro escola. Uma vez, reformado este, lucrariam todos os outros — já em actores, que por elles fariam carreira, já em producções dramaticas que o publico, apurado seu gôsto, patearia ou applaudiria conforme seu merito.

N'estes theatros secundarios, por este modo, terminaria a exploração menos correcta das emprezas, como presentemente acontece, com a escolha de peças; e isto, naturalmente assim acontecia, porque o proprio publico se havia de incumbir da condemnação d'aquellas, que lhe desagradassem. Como consequencia as emprezas, dariam meticulosa attenção a esse assumpto e quando não fossem levadas a isso pelo estimulo, sêl-o-hiam pelo proprio interesse.

Em 1870 os principaes actores do Theatro de D. Maria II, em representação dirigida ao governo, pediam a scisão do contracto de 13 de outubro de 1868, celebrado entre o mesmo governo e a sociedade proprietaria do theatro da Trindade.

Fundamentando a dita representação, pediam mais ao governo elevasse de novo á categoria de Normal aquella casa de espectaculos, *attendendo ao estado de abatimento em que se acha n'este paiz a arte dramatica e á desconsideração e desprestigio a que têm sido levados os seus cultores.*

Era altamente honrosa para aquelles artistas, entre os quaes folgamos de ter ensejo de citar o nome de João Rosa, a mencionadada representação, que alcançou de importantes homens de lettras o mais lisongeiro acolhimento.

Firmavam elles suas opiniões com tão sinceras quanto enthusiasticas palavras no mesmo documento, o qual mereceu a attenção dos poderes publicos e dos mesmos, satisfatoria solução.

Pergunta-se:

De 1870 até hoje, isto é, n'um periodo de trinta e sete annos, quaes têm sido os progressos da arte dramatica em Portugal?

Que composições de elevado merecimento têm influido no animo publico a ponto de haverem contribuido pera o levantamento do seu nivel moral e intellectual?

Que novos actores, como discipulos laureados do Conservatorio, ganharam triumphantemente suas esporas d'oiro no palco do primeiro theatro portuguez?

A primeira interrogação responderemos, que não se perderam os echos dos applausos vibrantes, que os dramas de Pinheiro Chagas, Antonio Ennes e Costa Cascaes, arrancaram ás plateas. Isto é por certo um benefico symptoma de que não está adormecido e muito menos extincto esse germen de enthusiasmo do publico pelo theatro. Mas á segunda interrogação responderemos que o nosso theatro está pauperrimo de artistas, na elevada acepção d'esta palavra, contando, apenas, como distinctos, entre os distinctos, aquelles que foram alvo d'um verdadeiro genio dramatico, como possuia José Carlos dos Santos.

Ainda, porém, com respeito ás obras dramaticas é notavel, que tão ephemero fosse o seu aparecimento. As que viram a luz da ribalta e mereceram a consagração publica, possuiam incontestavel merito. Não foi necessario que as plateas usassem para com ellas, da sua benevolencia — aliaz sem razão para com outras — não foi mister o reclamo dos nomes, que as firmavam.

Porque razão, pois, durante um periodo de trinta e sete annos não appareceram muitos auctores dramaticos?

Parece, á primeira vista, inexplicavel este phenomeno se attendermos a que se manifestou exactamente pela mesma forma, quando o genio poderoso de Almeida Garrett emprehendeu a reorganisação, senão fundação do theatro portuguez.

Apoz um periodo de febre dramatica accentuado desde o anno de 1836 com a representação *Auto de Gil* até ao anno de 1843 com o *Frei Luiz de Sousa*, periodo de incontestavel progresso theatral, ergue-se uma esterelidade durante cinco annos, até 1848, em que Almeida Garrett fez representar a *Sobrinha do Marquez*. Foram, sem duvida os annos de 1836 a 1843 os mais fecundos em originaes portuguezes. Desde esse tempo, porém, causas diversas entre as quaes predominam as das nossas dissenções politicas, produziram este resultado. Os espiritos fatalmente affastavam-se da litteratura para se consagrarem exclusivamente á polittca. Mas esta causa, que foi importante, não foi a unica. Então, como hoje existia uma outra que fez paralysar muita vocação dramatica.

A ella nos referiremos, em occasião opportuna.

MARIO DE SANTA RITA.

O CARNAVAL

Póde dizer-se que Lisboa quasi se desintressou do Carnaval este anno, derigindo antes as suas atenções para a segunda cidade do reino, onde se annunciavam luzidas festas como as não tem feito a capital ao louco folião. Se o Carnaval este anno, em Lisboa, não voltou aos seus antigos habitos sujos e semi-selvagens, nada mais avançou em arte e civilisação, limitando-se a alguns carros modestamente enfeitados a flores de papel ou colchas de cama, e ás costumadas mascaradas populares, danças da lucta, bandolinistas e o conhecido batalhão de Alfama, expressão maxima da concepção carnavalesca a que chega o povo lisboeta, e disse.

Em compensação a cidade do Porto proseguio no seu empenho de fazer do Carnaval uma festa digna da civilisação dos nossos tempos, enchendo-a de atrativos, de esplendor e de riqueza, proprio a convidar forasteiros a passar ali alguns dias em alegre diversão.

Encheram-se de gente os comboios que de Lisboa partiram para o Porto nas vesperas do entrudo, o que não foi indiferente para a animação da capital n'aquelles dias, pois lhes sentio a falta.

Mas o que houve de menos aqui, sobrou na grande cidade do norte, onde até a chuva fez tambem a sua partida carnavalesca, tirando ás festas boa parte de seu brilhantismo.

Apesar disso os portuenses arrostaram com a intemperie. As bisnagas do ceu esguichavam fortemente como que querendo reviver antigas usansas, mas o novo carnaval civilsiado, luxuoso, rico e atraente tinha que triunfar.

O povo alegre e folião sahiu de casa, sem que toda a chuva que sobre elle cahia lhes apaga-se o fogo do seu entusiasmo, para vêr passar o gande cortejo carnavalesco atraves das ruas e praças com suas portas e janelas enfeitadas, em que realçavam as senhoras agitando seus lenços e atirando sobre os transeuntes flôres, *confettis*, *bon-bons* por entre a rede de serpentinas que se estendia de um lado ao outro das ruas. Vivas aclamações se soltavam de todas as bocas em indiscritivel entusiasmo.

Abria o cortejo um Carro romano tirado por duas parelhas de cavallos brancos e conduzindo o *vencedor* com o estandarte do Club dos Fenianos. Este carro era ladeado por vinte escravos romanos levando oitenta flamulas e insignias do Club, e precedido por uma guarda avançada de socios do mesmo Club, montados em seus cavallos rinchões.

Seguia-se o Carro de Honra Fenianos com a guarda de honra de cavaleiros de S. Graal montando soberbos cavalos ricamente ajaezados.

Carro da Primevera, dos srs. José de Mello e A. Bastos, lindamente decorado, e um automovel enfeitado de violetas, junquilhos e palmas.

Uma *Victoria*, adornada de papoilas e mantas alentejanas, muito caracteristica.

Carro dos Empregados do Comercio, representando um grande pavão e outros atributos, de muito gosto e novidade, sendo este carro premiado.

Um Galeão conduzindo estudantes de Salamanca. Um grupo de 42 figuras tocando musicas muito originaes.

Carro de *Charge* alusivo á lei de imprensa, com guarda de honra composta de dez *galenos semi-pedrestes* dos quaes cinco levavam enormes tesouras e outros grandes lepis azues com o letreiro: *Censura.*

Carro da *Hydra* renascida, com a banda vermelha.

Carro do *Prego* dos estudantes do liceu e da Escola de Bellas Artes, seguido da *brilhante* guarda de honra de estudantes montados em burros.

Um automovel enfeitado e o carro da *Solfa* com estudantes hespanhoes.

Os 4 Canudos do Porto, alegoria ás companhias das Aguas, do Gaz, das Obras de Saneamento e Telefones.

Banda do Asilo do Terço, vestida á Zé Povinho.

Carro da *Passarola*, alusão ao balão dirigivel que não se dirige, de uns estudantes da Escola Medica.

O Carnaval na Cidade do Porto

Guarda de honra de Cavaleiros de S. Graal — Carro da «Passarola» — Carro dos Empregados do Comercio — Carro de Honra dos Fenianos — Carro da Hidra — Carro do «Prego» — Carro do Teatro de Sè Bento

(Clichés do sr. Victorio Soares)

O Carnaval em Lisboa

Carro enfeitado de rosas do Sr. Moura e Sá

Carro reclamo do Theatro da Avenida

Carro «La Pandereta»

A Artilharia do Batalhão de Alfama
(Clichés do sr. Carlos Moitinho de Almeida)

Carro do *Teatro de Sé Bento*, engraçada e picante alusão facil de perceber, despertando a ilaridade o trabalho dos fantoches.

O Zé povinho, que ia á varanda, distribuia uns versos com muito chiste.

Carro Arte-Nova conduzindo socios do Club Fenianos. Mais outros carros reclamos e um *landau á Daumont*, puxado a duas parelhas, onde iam o sr. Carvalho Pessoa representante do Grande Club de Lisboa e o sr. dr. Carvalho Lamas presidente da assembléa geral do Club Fenianos.

Banda dos Huguenotes.

A este imponente cortejo juntou-se, na praça Carlos Alberto, o carro de Honra com a respetiva guarda e banda do Club dos Girondinos.

Tem a cidade do Porto muito á aplaudir-se pélas brilhantes festas carnavalescas que realisou, como melhor se não fazem em outras cidades da Europa, assim como o Club Fenianos pela sua iniciativa com que tanto animou a sua terra, atraindo á capital do norte forasteiros de toda a parte do país, de que Lisboa deu bom contingente.

Animaram-se as artes, animou-se o comercio e chamaram-se as atenções sobre a laboriosa cidade, que valorosamente avança na vanguarda do progresso.

As gravuras que reproduzimos de fotografias oferecidas pelo sr. Victorino Soares, um distinto amador portuense, mostram a beleza dos carros que figuraram no cortejo, cuja direção foi confiada a Augusto Pina, artista de reconhecido merecimento.

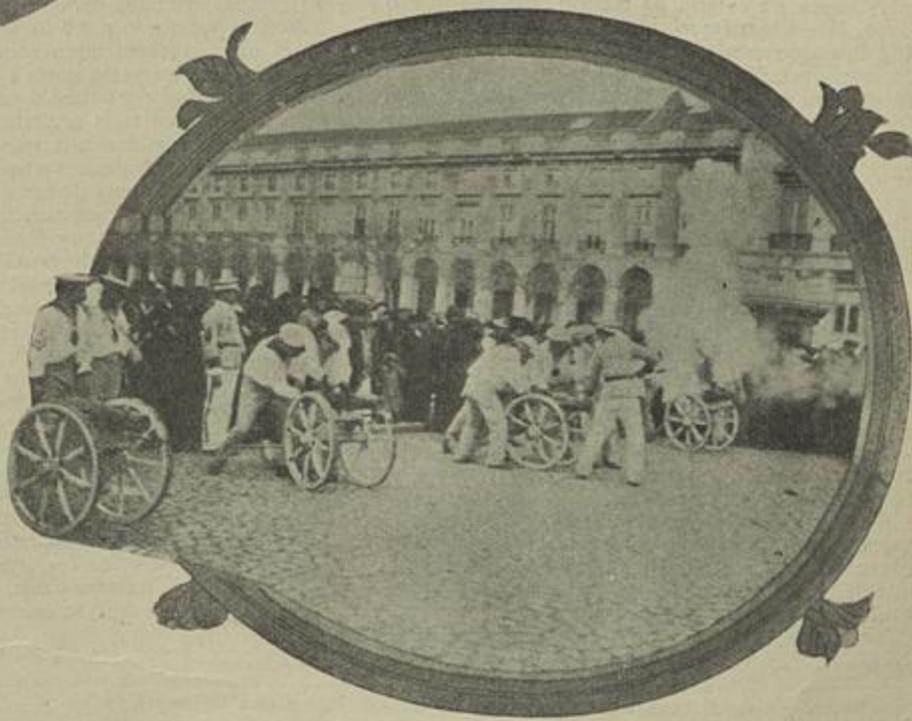
A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO IV

Sumario

Sucede á Patriarchal Queimada o largo das Pedras — O monturo da Cotovia — O destino da cantaria do palacio do conde de Tarouca — O Erario Novo e o marquês de Ponte de Lima — Os três marquêses inspectores — Incapacidade administrativa do marquês — A opinião de um estrangeiro — A creação do Erario Regio por Pombal — Descreve-se o risco do projectado edificio — Uma monstruosidade arquitetonica — E' demolido o palacio de Manuel Caetano de Sousa — Principiam as obras — E' abandonada a construção — Voltam á Cotovia os garotos e os vadios — O Bairro das loireiras e mundanas Duas decimas da Fabula de Ulisses — Constroe-se o poço da Patriarcal — Desobstrução do largo — Inaugura-se um mer-

cado na praça da Patriarcal — As barraquinhas da Cotovia — Ordenam-se algumas expropriações — A ribanceira da rua da Procissão — Carneiros porcos e cães — Os cães em Lisboa — Uma praga terrivel — Projectos de extinção — Os protetores e os filantrópos — O Barão de Catanea — Principia a terraplenar-se o largo — Trabalhos municipaes — Concede a camara terrenos para edificações particulares — Consegue o vereador Almeida e Albuquerque permissão para ajardinar a Patriarcal — Conclue-se o ajardinamento — Alvitra o autor a colocação do busto desse vereador no jardim do Principe Real — A Feira das Amoreiras — Um projecto de Mr. Bartissol — O jardim actual — Os seus frequentadores — Cita-se a proposito a anedota do se ieiro de Bragu.

Á designação de Patriarcal Queimada outra sucedeu.

Desvanecida a impressão do desastre principiou o povo, com a sua admiravel vocação para municipe sensato, a chamar áquelle amontoado de pedregulhos, lixo e cascalho o *largo das Pedras*. E largo das Pedras ficou quasi durante um seculo.

Contra aquele monturo, quasi tão celebre como o velho monturo de São Mamede ao Caldas, esbarraram e quebraram-se muitas tentativas civilisadoras, muitos projectos utilitarios, muitos sonhos de cantaria e de madeira. O largo das Pedras resistia sempre, depois de reconquistada a sua autonomia que o Erario Novo esteve a pique de absorver.

Dessas pedras, alimentavam-se de ha muito as construcções dos particulares e os edificios do estado. Já em 1760, um aviso do Ministerio do Reino para a Junta do Commercio, autorisa Jorge Rodrigues, mestre das reaes obras (1) a tirar a cantaria que julgar conveniente do edificio contiguo á Patriarcal, para a construcção da igreja da Memoria, em Belem, que aquelle andava edificando. (2) Essa cantaria era ainda a dos alicerces da imaginosa obra do conde de Tarouca. Tal foi o destino dos restos do palacio!

*

Falemos agora do Erario Novo.

Esse projectado monstro saido da bossa edificadora do marquês de Ponte de Lima e riscado pelo arquiteto Costa e Silva nunca se chegou a ultimar. O marquês, que a elle julgava ligada a sua celebridade, foi menos feliz que o de Angeja, seu antecessor, por que esse ao menos chegou a ver concluida a sua sonhada obra dos fortes da Junqueira.

Portugal estava cada vez sendo mais infeliz. A serie dos três marquêses que o governavam desde el-rei D. José ia decrescendo intelectualmente.

Se Angeja era irrisorio ao pé de Pombal, o de Ponte de Lima tocava as raias da incapacidade. Conta-nos Jacome Ratton que a marquêsa, sua mulher, sendo elle ainda visconde de Villa Nova da Cerveira, obteve da mêsa do Desembargo do Paço uma provisão para administrar toda a sua casa e bens por o Visconde ser incompetente para superintender em tal administração. Não pode haver documento mais eloquente. E foi este o ministro escolhido para succeder a Pombal, que empregava o mais precioso do seu tempo em graves cogitações sobre as côres que deviam ter as fitas das ordens militares! (3)

O autor anonimo da *Voyage en Lisbonne em 1796* segue na esteira de Ratton. Diz-nos que o marquês era um fraco, incapaz de resistir a um pedido e que nem sequer tinha opinião sua. Todos o convenciam e todos o encontravam de acôrdo. Em materia de elogios chama-lhe apenas *bôa pessôa*, o que não é positivamente o suficiente para um estadista.

*

O Erario Regio creado em 1761, diz-nos o autor das Recordações, é um monumento que só por si eternizaria a memoria de el-rei D. José I.

Até então não havia em Portugal uma repartição central de arrecadação dos reditos do estado. O cahos em que jazia a Repartição dos Contos do Reino pedia uma reforma completa. E foi o que se fez. A lei de 22 de dezembro do aludido anno, acabou com essa baralhada dos almoxarifados e casa dos contos, creando o Erario e centralizando (o que foi no dizer dos entendidos uma excelente medida) n'uma só repartição e n'um só cofre todos os rendimentos.

A testa da inspecção ficou o marquês de Pombal; como thesoureiro o opulento argentario José Francisco da Cruz Alagôa; escrivão, João Henrique de Sousa, lente da aula do Comercio. O Erario constava de 4 contadorias, separadas e distin-

(1) Era avô materno de Alexandre Herculano, o eminente historiador.
(2) Livro de avisos do Ministerio do Reino de 1760 — Avisos de 21-8-1760.
(3) Recordações de Jacome Raton — Pag. 332.

tas, composta cada uma de um chefe e de um certo numero de officiaes. Os quatro contadores, por falta de pessoas com o preciso conhecimento de cifras, foram primitivamente 4 negociantes, com 4000 cruzados de ordenado. (1)

Toda esta maquina financeira alojou-se em pessimas condições locaes, pela visinhança do mar, que punha o edificio em risco no caso do ataque de alguma esquadra inimiga, pelas proximas accomodações dos algarvios, na Ribeira das naus, enfermarias das galés e recolhimento de Santa Maria Magdalena o que tudo ameaçava risco de incendio; e foi attendendo a estes contras que o marquês inspector fez uma representação á Rainha, pedindo a mudança do Erario do edificio, onde hoje está alojado o Tribunal da Relação de Lisboa e parte do Arsenal, para outro ponto mais isolado e longe do mar, acabando por indicar como excelente para a edificação da moradia propria a Cotovia de cima, já então conhecida pelo nome de Patriarcal Queimada.

Foi aprovada a proposta e foi dada autorisação para a obra. Cometeu-se o risco a José da Costa e Silva, o qual o fez com rara habilidade e mostrando os seus grandes talentos de arquiteto, na opinião do Dr. Ferraz Gramosa. (2)

O edificio, conforme esse risco, era uma gigantesca mole de pedra com 76 palmos geometricos de face. A entrada era pelo lado do nascente, com um magnifico portico, ao qual devia seguir-se um grande atrio ou rocio que absorvia uma grande parte do picadeiro e da casa do conde de Soure. Da parte do nórte que olhava para o colegio dos nobres tinha os alicerces, sobresaindo alguns passos á quadratura do edificio, com 50 palmos de profundidade, a qual duplicava dos lados sul e poente, devendo fazer-se, para sustentar esta disformidade, uma forte muralha da banda da rua da Procissão abaixo e outra egual pela parte do sul.

No projecto entrava a demolição de todas as propriedades de casas que se incluissem no ambito da obra, para que o edificio ficasse, como convinha, livre de toda a visinhança, devendo-se pagalas pelos preços da expropriação.

Uma casa apenas foi demolida por ficar dentro da quadratura que foi a casa de Manuel Caetano de Sousa, arquiteto das três ordens militares, e suposto elle não quizesse receber o preço das avaliações (cerca de 20:000 cruzados) requereu, e foi attendido, que se lhe fizesse outra similhante accomodação pelas obras publicas. Elle mesmo riscou e edificou o outro palacio em uns terrenos do colegio dos nobres, fronteiros á Real Fabrica das Sedas, ao qual pertenceram os sobejos da agua do chafariz do Rato, e que lhe importou em perto de 200:000 cruzados. 3()

Prosigamos. No risco do Erario ainda se projectara fazer mais do lado sul um espaçoso quartel para o regimento de Peniche, que deveria servir de guarda ao edificio, para o que se haveria de construir muralhas, rampas e ruas, conforme as exigencias dos terrenos de nivel diferente.

O interior desta monstruosidade era um cumulo de perfeição na ordem, simetria e disposição das salas, dizem os *Sucessos de Portugal* do Dr. Ferraz Gramosa, extreme panegirista do arquiteto.

Foi em 1790 que o risco foi apresentado á Rainha, e nesse mesmo anno começaram as obras de desentulho, na parte norte e nascente dos terrenos escolhidos e a pouco e pouco foi-se enterrando no alicerce toda a cantaria velha que por ali havia, ao passo que o largo se pejava de grandes troços de pedra que vagarosamente se ia la vrando. Para que havia de ser depressa!

Em 1895, continuavam as boccas escancaradas do alicerce a engulir material, até que o dinheiro faltou. Alguns milhões de cruzados tinha a Cotovia digerido no seu estomago voraz e o aspecto do sitio pouco diferia do começo das obras. A maior actividade tinha-se transferido para as obras da Basilica da Estrela, fonte de receitas misteriosas. O Erario passara de moda. Do trabalho de cinco annos, apenas os lisboetas do principio do seculo XIX podiam ver esse lanço de parede de cantaria do lado do norte e as primeiras pedras do portico da banda do nascente.

Quem tinha razão era o sempre citado autor da *Voyage en Portugal*. A paginas 36 do seu oitavo de impressões de tourista, exclama sensatamente: *«Cet édifice coutera des sommes immenses, si on le termine jamais. Il est dificile de concevoir pourquoi on lui donne une etendue aussi considerable; il serait trop vaste pour contenir les tresórs de tous les souverains de l'Europe.»*

(1) Lisboa Antiga de J. de Castilho — 2.ª edição — Volume 5.º — Pag. 14.
(2) Sucessos de Portugal — pelo Dr. Ferraz Gramosa — impresso em Lisboa por Francisco Maria dos Santos.
(3) Idem — Idem.

Aos insucessos do palacio do Conde de Tarouca, do Collegio das Missões, da Patriarcal Queimada, veio juntar-se o desastre do Erario novo. Abandonaram-se as obras encetadas onde se havia consumido esterilmente doze milhões, com grande gaudio dos seus antigos habitadores. Aquillo era delles por direito de conquista e posse immemorial. Mal deixou de trabalhar o ultimo alvenel, voltaram elles e mais as suas barraquinhas suspeitas, e a Cotovia tornou a ser o largo das Pedras, o velhacouto predileto dos vadios, o campo de manobras da garotada bairrista.

*

O que foi de então para cá o actual largo do Principe Real dificil se torna dizer. Sómente quem ainda o viu antes de se terraplenar e ajardinar como está hoje, poderia dar uma ideia do que aquillo fôsse. Eu já não alcancei o velho largo das Pedras, onde os restos das edificações abandonadas se amontoavam e se confundiam.

No principio do seculo passado, o aspecto do local era miseravel. As ruas que por ali havia eram estreitas e infectas e as casas velhas e feias. (1)

Era o Bairro-Alto de então, o fôco da miseria e da degradação. Ahi se acoitavam as loireiras, ahi eram as tabernas réles que vivem sempre de bôa camaradagem com tal visinhança, como uma chamada do Escoveiro que chegou a lograr uma certa fama e onde as facadas e as rixas eram frequantes (2)

Lá diz uma das conhecidas decimas da Fabula de Ulisses, que o velho Theodorico recitava, com motivos novos, todas as noites, no extincto teatro da Rua dos Condes:

> Quando Ulisses fabricou
> Esta terra que habitamos:
> Quanto nella disfructamos
> Com mui cuidado arranjou
> Sapateiros arruou
> Na Rua da Padaria;
> Santeiros, a moiraria;
> Na praça poz a cazinha
> E metteu certa gentinha
> No cimo da Cotovia. (8)

As obras do poço que a Camara mandou abrir a meio do largo tambem não passaram despercebidas ao anonimo cantor das decimas.

Diz elle:

> Ulises bravo que luxo
> Que talento desmarcado!
> Depois de um anno pas-ado
> Fez deitar agua o repucho!
> E disse certo machucho,
> Qu'impossivel lhe parecia
> Ver correr no mesmo dia
> Por dar alegrão ao povo,
> Repuxo e chafariz novo
> No alto da Cotovia. (8)

(*Continua*).

G. de Mattos Sequeira.

NECROLOGIA

Dr. Clemente Joaquim dos Santos Pinto

Victima da terrivel tuberculose, cuja marcha assustadora foi auxiliada por uma pleurisia, falleceu no dia 5 do corrente o dr. Clemente Joaquim dos Santos Pinto, reitor do lyceu do Carmo, deputado e lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Quem soubesse que a mesma enfermidade, esse abutre medonho, insaciavel, pavoroso, lhe arrebatára dois irmãos, um já delegado n'uma terra de Traz-os-Montes, provincia d'onde era natural, outro, quando cursava o 2.º anno juridico — não podia deixar de sentir o coração trespassado pela dôr, provocada pela suspeita horrivel, dilacerante de que aquelle organismo era prêsa de tão invencivel quão traiçoeiro inimigo, de cujas garras o dr. Clemente Pinto, que certamente desconheceu a triste realidade do seu estado, não conseguiu livrar-se, não obstante o regimen que se impuzera, como medico distincto.

(1) Discripção de Lisboa, por Paulo Perestrello da Camara — impresso em 1889.
(2) Verdadeira Fabula de Ulisses, copiada dos proprios originaes, recitados por Theodorico, antigo actor do Theatro Nacional da Rua dos Condes e augmentada com novas decimas. Lisbôa 1850.
Este livrinho em 12º, contem 110 decimas, a maioria d'ellas, — maliciosas em extremo — causaram celebridade no seu tempo e o publico todas as noites pedia decimas novas, como hoje pede *bis* ás coplas das revistas em voga.

Apezar porém da sua compleição fraca, ninguem suppunha que elle deixaria de existir tão cêdo, aos 39 annos, na plenitude da sua intelligencia tão viva, tão fecunda, e do seu coração, que era d'uma bondade infinita, alheio a malquerenças, a odios, a intrigas.

Aquelle corpo debil, franzino, esguio, servia de pretexto, paraphraseando uma idéa do sublime Victor Hugo, para que andasse pelo mundo a alma d'um Bom, d'um Justo.

*

O dr. Clemente Joaquim dos Santos Pinto era natural de Chaves, indo muito novo para o Porto, onde estudou preparatorios, matriculando-se na Escola Medica-Cirurgica da mesma cidade, cujo curso concluiu em 1895.

Dr. Clemente Pinto

Essa escola, onde Clemente Pinto revelára, como discipulo querido, notaveis qualidades de talento, que sucessivos louros foram confirmando, concedeu-lhe pouco depois, aos 27 annos, a cathedra de Mestre, que elle conquistou em ruidoso concurso para a 5.ª cadeira do 4.º anno (operações) que elle regeu com superior competencia, exercendo cumulativamente o logar de secretario da mesma escola até 1902, em que veio exercer a reitoria do Lyceu Central de Lisboa (Carmo).

Cultivou a cirurgia com inexcedivel distincção, revelando logo no inicio da sua carreira uma rara profundeza no saber, que mais parecia d'um mestre encanecido no labor scientifico do que d'um rapaz, que ha pouco deixára os bancos da escola. E' que o dr. Clemente Pinto estudava com o afinco e com o enthusiasmo proprios dos espiritos que se deleitam com as maravilhosas e fecundissimas revelações da sciencia, quando é servida por um talento do mais puro quilate, como era o do saudoso professor.

Coube-lhe a gloria de ter sido o primeiro que, no Porto, experimentou e pôz em evidencia o sôro antidiphterico.

Foi um fogoso combatente do inimigo que o havia de empolgar, a tuberculose, sendo um dos mais activos propugnadores da Assistencia Nacional contra a Tuberculose, onde exerceu o logar de 1.º secretario (secção do Porto), promovendo e fazendo conferencias de propaganda contra a marcha d'aquella doença.

Em abril de 1901 tomou parte no congresso dos nucleos da Liga contra a tuberculose, realisado na Sociedade de Geographia, apresentando umas instrucções praticas e a indicação das obrigações dos enfermeiros no tratamento da tuberculose.

Por occasião das festas henriquinas celebradas no Porto, a respectiva camara municipal realisou uma sessão solemne, sob a presidencia de sua magestade a Rainha, ácerca da tuberculose. Lá appareceu o sr. Clemente Pinto, que produziu uma notabilissima oração scientifica, cheia de emoção, que foi, sem duvida, um dos seus trabalhos mais memoraveis.

Como politico, militou sempre no partido regenerador, tendo sido eleito deputado, a primeira vez, em 1900, pela cidade invicta, que lhe havia admirado, ainda estudante, o seu grande civismo e as extraordinarias qualidades de espirito.

Tendo levado para o parlamento todas as caracteristicas d'uma grande individualidade, em que se salientava uma excessiva modestia, o dr. Clemente Pinto evidenciou-se logo como parlamentar distincto, estudando a fundo todos os assumptos, graças á malleabilidade da sua intelligencia; versou especialmente, e com singular proficiencia, as questões de hygiene e de fazenda tendo discutido e relatado algumas propostas ácerca de assumptos de saude e de hygiene, apresentadas ás Côrtes pelo chefe do seu partido, o conselheiro Hintze Ribeiro.

O nome do dr. Clemente Pinto era já *ministeriavel* no seu partido, que perdeu n'elle um dos seus mais brilhantes luctadores e um dos seus mais leaes e dedicados correligionarios.

Desde 1902 que exercia em commissão o logar de reitor do Lyceu do Carmo, conquistando a estima e o respeito de todos os professores e alumnos, que tinham no seu querido reitor um amigo sincero e justo, orientado por um inegualavel bom senso e reconhecida rectidão.

Pela sua conducta mostrou que nem a bondade do coração nem a delicadeza do caracter devem ser estranhas a uma boa disciplina.

Foi um perfeito homem de bem, parlamentar eloquente, professor estudioso, correligionario lealissimo, medico distincto, esposo e pae exemplar. Tendo ascendido a uma posição elevada na sociedade, nunca para isso calumniou nem deprimiu os outros. O que era, o que foi, deveu-o unicamente ao seu talento robustissimo, ao seu trabalho sempre honrado. Não criou inimigos durante a sua curta vida, nem decerto os deixou; é natural que tivesse invejosos.

Esse defeito, senão virtude, é proprio de todos quantos se elevam unicamente pela intelligia e pela nobreza de caracter.

J. A. Macedo de Oliveira.

Dr. Francisco Ferraz de Macedo

Falleceu, no dia 28 de janeiro de 1907, o illustre anthropometrista portuguès Dr. Francisco Ferraz de Macedo, com cuja morte a sciencia portuguêsa soffreu uma grande perda. Para a maioria do publico o facto foi, na verdade, de pouca monta. Infelizmente, ainda não estamos habituados a considerar e a admirar, como merecem, aquelles que fazem o seu nome pela sciencia, a sós com o seu trabalho e as suas aptidões. E tanto isto é verdade, que até os que occupam cargos scientificos officiaes se vêem forçados, para conquistar a consideração publica, a enveredar pelos caminhos escuros e tortuosos, onde a mediocridade vive e vence com prejuizo muitas vezes dos mais aptos.

O Dr. Francisco Ferraz de Macedo nunca ambicionou mais do que ser util; e, em detrimento da saude, da familia e da fortuna, levou toda a vida a trabalhar. Tudo sacrificou pela sciencia. Mas tambem, por isso, diga-se em abono delle e em desabono de nós mesmos (custe o que custar), diga-se, dizia eu, que morreu *pobre* e quasi que apenas decorado com o titulo de *excentrico*.

Fazer-lhe a biographia é alguma coisa, mas maior serviço ainda é, a mim ao menos me parece, pôr, em flagrante contraposição o seu merito e os seus serviços, com a indifferença, ignorancia e injustiça do seu tempo e da sua terra. Lucra o nome delle e lucra a Patria.

Por amor delle e della, é mister fallar nesta prosa *revulsiva*, a ver se se conquistam, para ambos, melhores dias.

Levado, de tenra idade, de Agueda, sua terra natal, para o Brazil, aqui começou os seus estudos, e apenas completada a sua instrucção primaria, foi destinado e iniciado na profissão de *alfaiate*, chegando a ser o mestre da altaiateria de seu pae. Ainda poucos dias antes de morrer, eu ouvi o Dr. Ferraz de Macedo contar, com justo orgulho, esta passagem da sua vida, attribuindo á pratica do côrte e da medida uma grande parte da sua dextreza e certeza manual, por varias vezes demonstrada na firmeza do traço das suas magistraes estereographias e no rigor das suas impeccaveis medições. Com orgulho tambem, me dizia elle, que era quem ainda talhava e fazia o seu proprio fato.

Alguns annos depois de lançado na sua primeira profissão, amigos de seu pae, o resolveram a abandonar essa profissão para seguir estudos e carreira mais elevada. Fez então o seu curso secundario, entrou nas escholas superiores, e, com notavel destaque, fez tambem o curso superior de Pharmacia e depois se doutorou em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro. Exerceu, com muita distincção e renome, a clinica durante alguns annos, casou depois, e senhor então de uma excellente fortuna, iniciou-se nos estudos de anthropologia, sciencia de que então muito se fallava. Começa, nessa epocha, a sua carreira de verdadeiro homem de sciencia.

Visita os principaes muzeus do mundo, e trabalha com os principaes mestres. Attrahidos pela mestria do seu desenho e destreza da sua medição, agrupam-se á volta d'elle, em adoração carinhosa, os Quatrefages, os Vogts, e os Manttegazzas. E Lombroso, então imperialmente sentado no solio de patriarcha da criminologia, chama-o a si e faz delle um seu collaborador.

De volta das suas viagens, estabelece-se em Lisboa, e, emquanto a maioria dos sabios officiaes, estereis e inuteis, envoltos em sedas doutoraes, adormeciam numa muda contemplação de impados bonzos, ou, arregaçando a toga, se lançavam a bailar nos arraiaes politicos, Ferraz de Macedo recolhe a sua colossal collecção anthropologica, e mette-se, dia e noite, a medir e a estudar mil e tantos craneos e cento e tantos esqueletos portuguêses. E' com os dados, que assim recolhe, que elle formúla a sua interessante *lei da harmonia Kormio-cephalica* e, pela primeira vez, pode dizer-se, pôe em cheque, em pleno congresso, a theoria lombrosiana.

Começa então o seu nome a figurar nas actas das sessões das sociedades scientificas extrangeiras e nos principaes congressos. A' custa das suas observacões principia então tambem, a manchar-se a alvura deprimente e vergonhosa com que Portugal figurava na carta anthropologica da Europa. A anthropologia portuguêsa que, no campo da prehistoria tão atrevida e brilhantemente fulgira com Carlos Ribeiro e a sua valiosa côrte, só nessa epocha apparece, a valer, nos arraiaes da ethnologia comtemporanea. Mas, emquanto Portugal comquista, pela mão de Ferraz de Macedo, mais uma linha na historia da civilisação, Ferraz é apodado de mestre em artes de sortilegio: um feiticeiro. O povo levanta-se ao assistir á entrada das ossadas no edificio da sua residencia, á Graça, e, segundo me consta, os *sabios* sorriam descrentes e inscientes, achando que uma caveira e cem caveiras é tudo uma e mesma coisa. Datam de então os nomes com que o alcunharam: o *Ferraz maluco*, o *Ferraz das caveiras*, o *Ferraz brazileiro*. Mas, indifferente e corajoso, Ferraz marchava s mpre erecto e secco, de olhar e cabeça levantada, trabalhando no Amphitheatro da Eschola Médica, na Penitenciaria, e nas cadeias. Mal dormia, mal comia, e de todos os seus e de todos que de elle se abeiravam, elle queria fazer collaboradores.

Haveria talvez, em tudo isto, a revelação de uma dedicação ou paixão morbida.

Seria talvez impetuosa e desordenada, confusa e um pouco *occulta*, a sua prosa e a sua philosophia, seria demasiado atrevida e alada a sua critica e analise scientifica, mas mister é confessar que a Anthropologia portuguêsa ha-de, tudo o que fizér, sempre dever á formidavel dedicação e estudo de Ferraz de Macedo, a todo esse incalculavel thesoiro de algarismos pasmosamente e rigidamente arregimentados em columnas cerradas de numeros valiosissimos e rigorosos, que a sua technica impeccavel gerou.

Bem ficaria tudo isto aos hombros de toda a geração, quanto mais aos hombros de um só homem!

Um dia, Ferraz de Macedo recebe de Italia a noticia de que o professor Reggazoni achara, em terrenos terciarios, ossos humanos. Ahi parte elle com toda a familia para Brescia, e elle proprio, com obreiros pagos á sua custa, passa todo um mez a fazer excavações, por signal até, infructiferas. Reggazoni offerece-lhe um dos ossos que encontrara, e Ferraz, *de volta da sua santa cruzada*, pontificalmente corre a apresentar a valiosa reliquia ao Velho Quatrefages, e este, o grande Quatrefages, cahe de joelhos diante do pequenino osso.

Arrazavam-se-lhe os olhos de lagrimas quando me contava isto, e quando religiosamente punha diante dos meus olhos as paginas do volume magistral da *Historia natural das raças humanas*, onde o grande sabio francez cita o seu nome. Foi ainda com essa peça, offerecida por Reggazoni, que elle, quazi fanaticamente, invistiu contra a descrença da maioria dos membros do Congresso de 80, prégando e defendendo o *terciarismo*.

Passam-se alguns annos, e, mais tarde, o seu amor pela sciencia, amor que quazi o roubara a tudo e a todos, veio perturbar-lhe o lar.

Fica sem mulher e filhos, e, como se isto não bastasse, a justiça brazileira, sem attenção pelos nossos tribunaes, rouba-lhe a fortuna. E assim fica Ferraz de Macedo sem familia e sem fortuna; mas ainda com saude, e a sós com esta e os seus trabalhos, que nem um momento abandonou. E desta forma seria surprehendido pela miseria, se não fôra um amigo: o dr. Carvalho Monteiro que, tomando-o pela mão, quazi á força o levou ao gabinete de um Ministro (Conselheiro Hintze Ri-

beiro), e para elle chamando a attenção, pediu o unico logar que alcançou: *Director dos serviços anthropometricos e photographicos do Juizo de Instrucção criminal.* Só então foi que o Governo deu com elle. Tão longe os governos andam de onde deviam andar!

Assegurado de novo o pão, nem um só momento pára. Trabalha sempre. Só olha para cima ou para baixo. E é, durante este periodo, que pela anthropologia, desce até aos dominios morbidos dos trisectores do angulo, *(Trigonisotomia)* e, que pela anthropologia, sobe até á elaboração dum methodo physiologico e racional de ensino da leitura e escripta da lingua portuguesa, *(methodo luzo).*

Começa depois a doença a persegui-lo e a roubar-lhe as forças. Mas elle faz que a não vê, e, desprezando-a, marcha para a Italia e para a Suissa, a assistir a congressos, para onde o governo o manda como seu representante official. E a elles assiste, e nelles trabalha, e por lá anda.

Como? Doente e *á sua custa.* O dinheiro com que lá anda por fóra, trabalhando pelo seu paiz, e por mandado do seu governo, pediu-o a um Amigo!

Por fim, sob a ameaça de que lhe iam tirar o logar, em virtude d'uma reforma em laboração, despedido até da salla onde trabalhava, dispensado dos serviços onde conquistara a unica condecoração que possuia: *cavalleiro da Ordem Victoria de Inglaterra,* recolhe a casa perdido, irremediavelmente perdido. E' lá que me chama um dia, buscando-me como Discipulo, como Amigo, e como Medico. E antes mesmo que eu corra a cuidar da sua doença, quer que eu lhe trate da sua obra. Faz-me o seu legado espiritual, pede-me para, em seu nome, offerecer ao Muzeu da Eschola Polytechnica, toda a sua collecção, todos os seus livros de Antropologia, todo os seus instrumentos e obras; entrega-me os trabalhos incetados que quer que eu continue; quer elle mesmo tratar do acondicionamento dos objectos offerecidos, e é elle que até talha os saccos onde se recolhem os esqueletos. Só depois de ter feito tudo isto e de se ter despedido das suas *coisas,* do seu material de estudo e de trabalho, foi, pode

Dr. Francisco Ferraz de Macedo

dizer-se, que elle me disse: *«Estou descançado Agora salve-me, se puder».* Seguiu-se então uma lucta de trez mezes, sem esperança para mim, mas com alguma para elle. Por fim, exausto, levantando para mim os olhos amortecidos, clamou: *«Caro amigo, tenha coragem. Não ha mais a fazer.»*

E, acordando um pouco da sua antiga e pasmosa vitalidade, gritou; *«Depois de morto é que eu viverei... Para os novos é que eu appello. Elles que me continuem e... me vinguem.»* Mais uma vez fui forçado a acceitar o honroso baptismo de seu continuador. E, mais uma vez, poude, melhor do que com os recursos da sciencia accalmar-lhe a dôr e a agitação, affirmando-lhe:

«Descance, que custe o que custar, lucte com quem luctar, sempre pugnarei para que o seu Nome e a sua Obra vivam». Ouviu e calou-se. Nunca mais voltou a fallar. Foi morrendo. E morreu. Os jornaes prestaram-lhe as homenagens do costume. Excepção feita para alguns artigos, dos quaes eu quero pôr no melhor dos logares o publicado no *Diario de Noticias* pelo Dr. Bettencourt Ferreira, a maioria das noticias, que se escreveram, foram noticias de reporter.

O seu enterro foi modesto e, pode dizer-se, que o silencio lhe cahiu em cima.

Coitado! Pobre Ferraz! Como se acaba! quasi que foi o maximo que alcançou a sua memoria.

Passou, e morreu.

Bem posso repetir as palavras com que, no Cemiterio, começei a minha allocução:

Senhores

«Não sei se hei-de prantear a perda do Mestre ou se antes lamentar a sorte desta malfadada terra onde ainda os homens da sciencia por vezes acabam como este acabou; onde aquelle que tendo sacrificado: saude, fortuna e familia, tudo pela sciencia, gastando toda uma vida na ardua tarefa de, dia e noite, estudar os caracteres do nosso Povo e a etnologia e therapeutica do crime, e havido assim glorificado lá fóra o nome da sciencia portuguêsa, apezar d'isso, morreu, quazi abandonado, sem occupar uma posição official verdadeiramente digna do seu merito; onde o companheiro de Manouvrier, Quatrefages, Vogt, Lombroso e Manteggaza, desaparece, havendo apenas alcançado, na sua patria, pouco mais do que a *pobreza* e o titulo de *excentrico!!»*

Pobre Mestre e pobre Patria!

Lisboa, 17-2-907.

Antonio Aurelio da Costa Ferreira.